

MIGRAÇÃO E UNIVERSO RELIGIOSO

Luiz Roberto Benedetti *



Arquivo CEM

A CULTURA NOS ROSTOS

São três irmãos. Residem em Sumaré, cidade-dormitório da região de Campinas. Cidade que a migração fez explodir; em menos de dez anos viu sua população quadruplicar. Os habitantes, pacatos, ao redor das figuras dominantes locais - pequenos produtores e pequenos comerciantes - cederam lugar a uma avalanche de rostos diferentes.

Li, há alguns anos, um trabalho da professora Ecléa Bosi falando sobre a cultura do povo. Dessa cultura que não conseguimos entender porque não a entendemos nos seus gestos e no seu silêncio. Não é a cultura do discurso, da fala expressiva, mas do gesto significativo. Deste gesto e deste silêncio que

se precisa saber ler e interpretar. Citava como exemplo o gesto cansado, expressivo por si mesmo de uma forma de viver e de encarar o mundo. Ao mesmo tempo, eu pensava nos rostos expressivos dos migrantes que cruzam conosco dia a dia nas ruas. Nos rostos dos três irmãos a que me referia há marcas de alívio e deslumbramento.

Alívio: "A gente tinha um pequeno sítio. Nele trabalhava a família inteira, o dia inteiro, o ano inteiro. Quando vinha a colheita, a gente ficava cinco, seis meses sem conseguir vender e quando conseguia tinha que aceitar o preço que o comprador queria pagar. Era muito duro porque a gente não tinha certeza de nada. Aqui é diferente".

Deslumbramento: trabalham os três juntos, o serviço não é pesado; na cidade tudo é novo. Doze horas por dia "zelando" por serviços gerais num condomínio. "A gente nem sente"... Saem

juntos de casa, trabalham juntos, voltam juntos para casa. Há uma espécie de continuidade com o ritmo familiar do mundo em que saíram. Mas sem as incertezas que a vida camponesa oferece. Com salário pequeno, mas garantido. A cidade fascina. Deslumbra.

J.C. veio de Juazeiro, Ceará. Terra do Padre Cícero. Sua família ficou lá. A namorada também. Trabalha numa empresa de vigilância. Sábado e domingo, o dia todo, parado nos portões. O tempo não passa. Seu olhar é assustado. Não entende o que acontece ao seu redor. Rosto marcado por saudade e perplexidade.

M. e F. também são vigias. Vieram do sul de Minas. São pais de família. Rosto preocupado. Cotidiano marcado pela falta de perspectivas. Nas conversas o universo de aspirações aparece restrito ao aumento de salário que "dê para chegar ao fim do mês" e "comprar leite

para a menina de oito anos. A pequena toma tudo e o dinheiro não dá para comprar mais". Transparece no rosto e na fala uma espécie de "cultura da resignação".

Esses milhares de rostos povoam cada vez mais Campinas e região. Entre 1970/1980, de acordo com dados do Núcleo de Estudos da População da UNICAMP, a região de Campinas recebeu mais de 800 mil migrantes. Dois terços provinham do próprio Estado de São Paulo. Uma forma interessante de controlar o fluxo migratório são os registros de batismo dos anos 70 e 80. Eles mostram, quase sempre, que o pai e a mãe vinham de estados da federação diferentes, casaram em cidades do interior de São Paulo; dali foram para o Paraná e depois vieram para Campinas ou região. Ou vieram diretamente para Campinas sem a passagem para o Paraná. O percurso é descrito por um trabalhador da Bosch: "na empresa fizeram uma pesquisa. Entre 400 operários, 300 eram mineiros. Destes, 200 saíram de Minas, foram para o Paraná e de lá vieram para Campinas".

Ao lado deles, há o rosto dos bem-aventurados. Como pólo de indústria de tecnologia sofisticada, centro de pesquisas de ponta, a região atrai outro tipo de migrante. São os migrantes da(s) classe(s) média(s): técnicos, cientistas e pesquisadores de alta qualificação são atraídos pela UNICAMP, PUCAMP, Telebrás, Instituto Agrônomo, ITAL. Ao lado deles, estão executivos de alto, médio e baixo escalões em empresas locais, utilizadoras de tecnologia avançada.

O MUNDO RELIGIOSO

Qual a religião desses migrantes? Talvez devêssemos mudar a pergunta: quais as religiões desses migrantes? Como são esses mundos de representações que se entrecruzam num mesmo universo físico-espacial?

Isso porque há uma diferença óbvia: os bem-aventurados projetam na religião sua felicidade atual. A felicidade que têm no coração. Louvam a Deus por suas maravilhas - expressas nas con-



Arquivo CEM

quistas da ciência e da técnica e traduzidas concretamente em bens de consumo. Ou então nas belezas da natureza, acessíveis a quem tem chance e dinheiro para o lazer. São os carismáticos que louvam a Deus por suas maravilhas. Ao lado deles há várias formas religiosas importadas do Primeiro Mundo, muitas delas feitas da mistura de elementos de várias tradições religiosas, científicas e paracientíficas. São religiões que combinam Tarô, pirâmides, energia cósmica, naturalismo. Espécie de sincretismo cultural, de caráter pretensamente culto, que faz da religião um artigo de consumo. Avança cada dia mais nas universidades.

Ao lado está a imensa maioria dos migrantes pobres que vão formando cinturões ao redor da cidade. Em 1978, as vilas do BNH (o extinto Banco Nacional da Habitação) circundavam a cidade; longe do centro urbano, sua construção valorizou os terrenos situados ao longo do percurso. Fora de seus limites começava a se levantar um novo cinturão, hoje plenamente consolidado, a ponto de ser quase central, em termos referenciais, a antiga periferia das "vilas". Um universo religioso rico, multifacetado e, para os padrões "eruditos" (leigos ou clericais), bastante conservador, se faz presente nesta realidade.

RELIGIÃO E MIGRAÇÃO

Em 1974, Rubem Alves falava da religião, mais precisamente do misticismo como emigração dos que não têm poder. Aproximava migração e religião. No conjunto de seu pensamento, talvez possamos dizer que ele contrapunha as várias formas de misticismo - desde as efusões místicas populares até a mística "secular" de Nietzsche - à ortodoxia rígida da religião discursiva, canônica, própria daqueles que detêm o poder de dizer a verdade. Assim, as efusões religiosas dos pobres se assemelham ao seu viver: são formas de emigrar, de ir além do cotidiano sofrido. Mas serão só isso?

Quando estudei o tema em meu livro "Os Santos Nômades e Deus Estabelecido" (Ed. Paulinas, 1983) abordava a vida dos camponeses que habitavam o pouso entre Jundiá e Mogi-Mirim, denominado Campinas do Mato Grosso. Camponeses nômades, uma vez que ocupavam terras sem título de posse ou propriedade, produzindo para subsistência. Agrupavam-se em torno de um "sentimento de localidade", cujo ponto de fixação era a capela do santo, pa-

droeiro do local. A festa do santo constituía o mecanismo principal de integração dos habitantes; esta se expressava sobretudo no mutirão considerado uma coisa santa.

Cada família tinha o seu santo que a acompanhava em suas andanças. Embora mais poderoso mantinha com ela uma relação de familiaridade. Ao caráter nômade da vida, correspondia uma religião que não tinha uma referência espacial fixa, tipo paróquia, nem agente religioso especializado, conhecedor da verdade e da prática religiosa legítima, tipo padre. A figura religiosa é a do "tirador de rezas", ou "rezador", ou "sacristão", uma espécie de servidor funcional de um "sagrado" no qual todos estão imersos. Ele não é uma figura sagrada, separada, que manipula o sagrado. Nem mesmo esta figura do "sagrado", a rigor, existe. Sagrado e profano são categorias sacerdotais, urbanas: o camponês vive uma relação de "intimidade desrespeitosa" com a divindade, nas palavras de Sérgio Buarque.

A própria figura do padre, quando aparece neste mundo, é sob os passos

de um itinerante. Ele aparece para as desobrigas, os casamentos, os batizados e a morte. Não preside este mundo religioso. A figura do padre supõe fixação, paróquia. E ela vai aparecer quando os camponeses são expropriados pelos concessionários das sesmarias, futuros senhores de engenho. Com eles vem a ocupação racional das terras, com esta vem a presença da racionalidade religiosa, a paróquia e o padre. E a expropriação do camponês é o começo de uma economia mercantil (cana-de-açúcar), e a fixação da religião. Os expropriados migram e levam consigo seus santos, seus oratórios, suas rezas. Ou então vão para a clandestinidade religiosa, sobretudo a partir de 1850, quando se inicia o processo de reforma do catolicismo no Brasil, com a implantação de um modelo imposto no Concílio de Trento, denominado por Bastide de "processo de romanização".

Há uma associação muito clara entre o nomadismo dos sitiantes-obrigados a moverem-se em busca de novas terras face à expropriação ou à perda da fecundidade do solo - e sua religião, ba-

seada na devoção aos santos. Migram os homens e os seus santos os acompanham na aventura.

E OS MIGRANTES URBANOS?

Os migrantes urbanos vivem numa sociedade que se caracteriza pela complexificação crescente, pela mobilidade social (vertical e horizontal), no interior de um processo de mudança social acelerada. A complexificação das relações sociais é acompanhada por uma complexidade cada vez maior do universo religioso. Persiste a religião tradicional, mas reinterpretada; emergem novas crenças. As figuras religiosas tradicionais, tipo padre, desdobram-se em outras figuras tipo conselheiro psicológico, curandeiro, benzedor, face à clientela urbana que o procura.

O que vou levantar aqui é um painel, ainda impressionista e hipotético, sobre as formas de religiosidade do migrante. São ensaios de interpretação, baseados



Arquivo CEM

em pesquisas iniciais, ainda em andamento e como tais devem ser encarados. Uma linha preside a interpretação: contrariamente aos migrantes do sec. XVIII, de que já falamos, os migrantes urbanos não tendem à migração religiosa, mas buscam uma visão de mundo de tipo ortodoxo, fundamentalista, que assegure um ponto de referência no caos (anomia) urbano.

A primeira coisa a se salientar é que o universo dos migrantes é um universo bastante religioso. Mesmo entre os operários especializados (desmentindo assim a versão de que a religião "pára na porta da fábrica"). Só que estes tendem a se identificar seja com o catolicismo tradicional de prática dos preceitos, seja com as comunidades de base, seja mesmo com o catolicismo "encontrista" (carismáticos, cursilhos, encontros de

casais). São mais "urbanos", ou seja, definem-se por esta liberdade maior de escolha, num campo religioso que oferece, dentro de um quadro referencial comum, opções diversificadas.

Os migrantes recém-chegados de Minas Gerais são profundamente religiosos, bem acima da religiosidade "média", se assim podemos falar. São portadores de um catolicismo devocional, quase sempre de devoções romanizadas. Uma religião que aparece traduzindo uma ligação muito profunda com o local de origem, ponto de referência de suas crenças.

Não tendo como reproduzir no mundo urbano este local de origem, eles o habitam no seu imaginário social. Assim, quando os pais colocam nome nos filhos procuram um que os ligue a uma devoção. Quando puseram o nome na filha de Maria do Patrocínio, o fato se

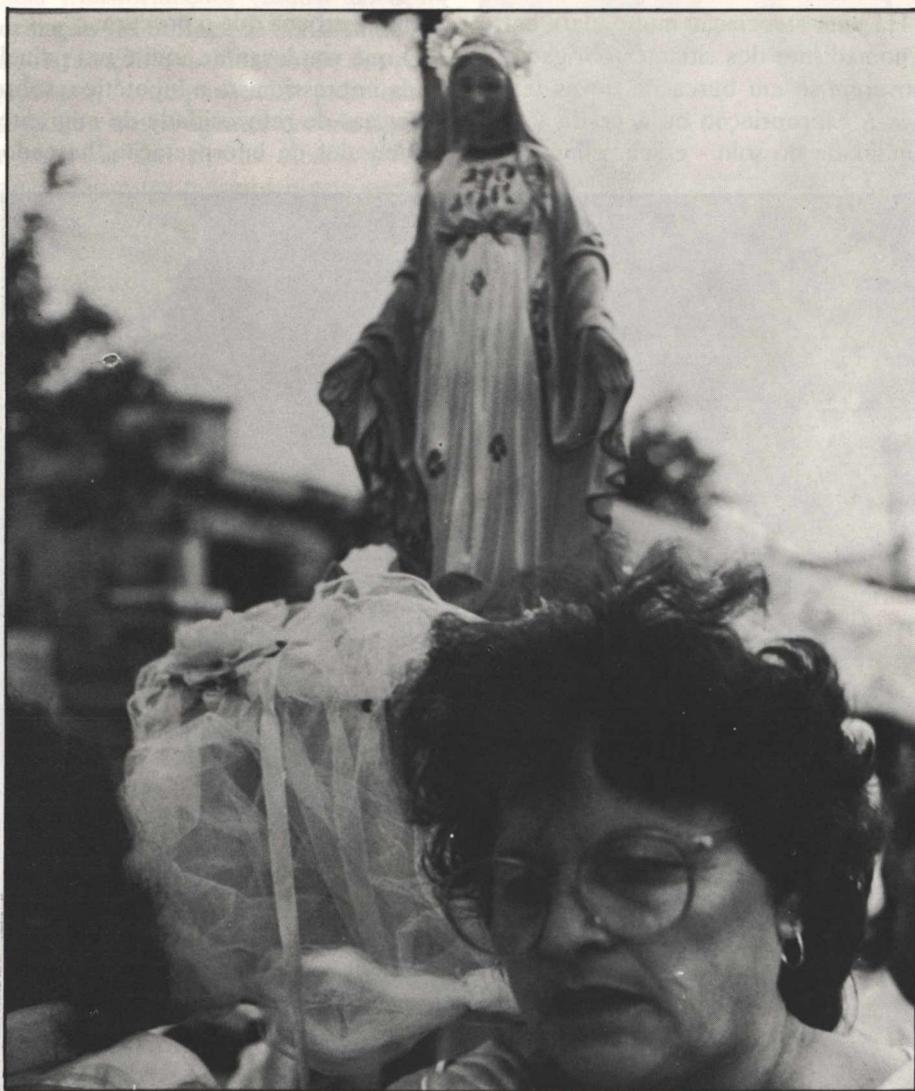
vincula à padroeira da cidade de onde vieram e na qual ainda situam sua referência. Não têm necessariamente a padroeira como devoção. É um referencial fundante do seu universo. Eles "moram" lá. Fato comprovado pela ligação que mantêm com os parentes que ainda residem em Minas Gerais. Nas conversas informais, os fatos "acontecidos em Minas" - no passado e no "presente" (com seus parentes, sua cidade, seu vigário) - têm lugar preponderante; muitas vezes, o mais importante.

Nem sempre são praticantes. Mantêm um catolicismo "cultural", de desobriga. Mas a sua referência é o espaço e o tempo religiosos: contam com detalhes minuciosos as festas religiosas; descrevem com precisão os templos e os santos; gostam de falar que a cidade é pequena mas "tem uma igrejoninha bonita" (ou são redundantes "uma igrejoninha grande"). Enfatizam sempre a diferença entre lá e aqui, deixando muito patente que ainda "moram" lá.

São avessos a qualquer mudança na religião. Gostam da repetição, sobretudo da repetição das músicas religiosas. Querem saber porque o "padre não põe mais sal na boca da criança durante o batizado". A liturgia tem que ser grande, bonita, solene e reverente. E deve conviver com as práticas religiosas do terço, da novena, das devoções familiares. Para os males e doenças usuais têm remédio e medicina caseira, simpatias e bençãos. São muito rígidos em termos de comportamento moral.

Embora a grande maioria pertença ao grupo que Le Bras chama de "católicos de temporada" (saisonnière), seu catolicismo é arraigado, firme, bastante romanizado. Podem ser classificados como encarnação do tipo ideal de uma "cultura religiosa" - uma identidade cristã - que se opõe a uma cultura adventícia, secular e laicizante, como pensam os teóricos que elaboraram o documento preparatório à conferência geral do CELAM, a se realizar em Santo Domingo. São os que a hierarquia denomina "os fiéis".

Bem próximos deles estão os provenientes do Paraná, mas com uma diferença fundamental: estes são mais abertos às inovações e mais "pratican-



Arquivo CEM

tes". Muitos deles vieram da região abrangida pela diocese de Apucarana, onde as pequenas comunidades, as divisões de ministérios e funções religiosas foram o eixo da organização pastoral. Gostam de "participar". Têm dificuldades em aceitar uma interpretação politizante da religião, mas a resistência é menor que a dos mineiros. Na Liturgia aceitam com facilidade maior as inovações. Não se sentem habitando o lugar de origem. Vieram para ficar: esse parece ser o sentimento dominante. Mas nem por isso deixam de pedir os mesmos cânticos, as mesmas rezas, os mesmos costumes do pré-Vaticano II, sobretudo os mais idosos.

Os pentecostais são essencialmente fundamentalistas. Falam da vida cotidiana não a partir dos fatos, mas a partir do juízo de Deus sobre os fatos. Juízo emitido a partir de uma leitura seletiva da Bíblia, onde os trechos se encadeiam entre si a partir de uma teia de leitura que "prova" a verdade do que estão falando ou vivendo. No meio urbano são o grupo dos "eleitos". Tendem a reduzir suas relações sociais aos correligionários religiosos. Chamam-se de irmãos entre si. Excluem os não-eleitos de um relacionamento afetivo e emocional mais profundo, mesmo quando estes são da própria família.

Entre a Bíblia e a realidade não há nenhuma linha demarcatória. Há uma ligação mecânica, imediata. Um esquema classificatório pronto funda a leitura da realidade e exclusão dos "não-eleitos". A inspiração de Deus ou do "Maligno" constitui a forma de classificar os acontecimentos e de interagir com os membros da sociedade. Este enquadramento parece dar razão a Durkheim que falava da origem religiosa das categorias epistemológicas (conhecimento), dos sistemas de classificação e de ação no mundo.

Esse guiar-se pelo juízo de Deus e não pelos fatos objetivos dá segurança num mundo marcado pela aflição. Rejeitam como pecado a realidade objetiva que enfrentam na forma de doença, miséria, pobreza, dor. Ao rejeitar o mundo eles rejeitam efetivamente o mal do mundo. Mas o rejeitam situando-se nele de forma alienada. Procurando



Foto: Mônica Lúcia da Silva

vencê-lo servindo a Deus que manifesta sua vontade exatamente através daqueles que "criam" e "sustentam" este mundo: os poderes constituídos. Para eles, o mal tem sempre um agente externo, o Maligno. Deus e o diabo habitam o coração do homem e o coração dos fatos. Ambos concretizam, aqui e agora, a Palavra bíblica.

Há ainda as casas de cura divina. Bastante ligadas a uma visão mais mágica que religiosa. Menos do que formas precisas, institucionalizadas de crença, as organizações de cura divina são uma espécie de "componente" que perpassa as formas estabelecidas de religião, até mesmo as grandes igrejas. São a resposta religiosa situada a problemas situados. Mantêm uma continuidade direta com as curas e bençãos do catolicismo rural. A própria Bíblia aparece reinterpretada. Impô-la sobre o doente pode ter efeito terapêutico. Busca-se a cura divina na Igreja Católica sob a forma de promessas, bençãos, "toques" no santo. Pode-se dizer que ela é mais fruto do carisma (reconhecimento social da qualidade milagrosa de pessoas, objetos e lugares) do que de uma atividade institucionalizada de agentes religiosos de tipo eclesástico. Não criam congregação. Dispersam.

Sob esse aspecto não afetam o migrante de forma diferenciada. Afetam todos os grupos urbanos, até mesmo certos setores das classes médias, em-

bora de forma mais sofisticada. Ou será que a crença nas energias cósmicas, nos poderes da mente, na astrologia computadorizada, nada tem a ver com uma visão mágica do mundo? Com poderes mágicos socialmente reconhecidos?

Falta falar da umbanda, um terreno em que não sinto segurança alguma nem para levantar hipóteses ou descrever impressões.

No conjunto, o que ressalta é que o mundo urbano é complexo e nele o mundo religioso do migrante. Sempre se associou urbanização e pentecostalismo. Pentecostalismo e adaptação à vida urbana. A realidade é mais complexa.

A primeira geração de migrantes vive no mundo de origem. Reproduz o imaginário social religioso do mundo rural e da cidade pequena. Num templo católico, lotado, todos os presentes costumam cantar "Com minha mãe estarei". Limitam-se a ouvir o grupo de canto quando a música é "moderna". Isso vale para migrantes e não migrantes.

Quando o esquema de vida urbano faz com que esta ligação com as raízes se rompa; quando a Igreja Católica ou evangélica se moderniza, o Pentecostalismo surge como alternativa. Lalive L'Epinnay, pesquisando o fenômeno no Chile, diz que esta religião, com seu fundamentalismo radical, reproduz o mundo patriarcal do senhor da "hacienda".

Para os pequenos proprietários desenraizados, sobretudo paranaenses, é o catolicismo tradicional que os "situa" no mundo urbano; para os trabalhadores rurais do sul de Minas é o apego às suas devoções e a identificação com a "igreja grande" de sua cidade pequena que reconstróem, em nível de imaginário social, as suas raízes.

* Luiz Roberto Benedetti, doutor em Sociologia pela USP, é professor no Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, Rubem. Misticismo: A Emigração dos que não têm poder. *Revista de Cultura Vozes*, nº 7, 1974, pp. 11-18.
 Benedetti, Luiz Roberto. *Os Santos Nômades e o Deus Estabelecido*. São Paulo, Paulinas, 1983.
 Bosi, Ecléa. *Problemas ligados à Cultura das Classes Pobres*. IEE/PUC, s/d.
 Buarque, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1974.
 Durkheim, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1989.
 L'Epinnay, Lavive. *Regimes Políticos e Milenarismo numa Sociedade Dependente*. *Concilium* 181, 1983/1, pp. 71-88.